

A MORTE COMO POSSIBILIDADE DE DESPERTAR O SENTIDO DA VIDA - UMA ABORDAGEM LOGOTERAPÊUTICA

Ana Beatriz Biagioli Manoel Suzan

<https://lattes.cnpq.br/5539230411993314>

Adriano Gonçalves dos Santos

<http://lattes.cnpq.br/6941286905637606>

Gilson Rodrigues de Souza

Rafaela Rodrigues

Thiago Borges Vigorito

<http://lattes.cnpq.br/9163291424394344>

Vicente Gilson dos Santos

RESUMO: Neste artigo, refletiu-se sobre a morte, não como fonte de tristeza e angústia, mas como um despertar da consciência para a realização de sentido de vida. A pergunta que permeia todo esse trabalho é: será que a pessoa pode, perante a morte inevitável, a sua própria e a das pessoas que amamos, realizar valores vivenciais e de atitude e assim despertar o sentido da vida? Dessa forma, à luz da Logoterapia, sob o entendimento de Viktor Emil Frankl, e a partir dos relatos de experiência de vida de Chiara Corbella e Enrico e Gilson, descobre-se que sim, é possível descobrir e realizar sentido e não somente isso, diante da morte inevitável, a vida nos convida a viver uma vida com responsabilidade e intensidade, pois uma história bem vivida ficará eternizada.

PALAVRAS-CHAVE: morte; despertar; sentido; vida; Logoterapia.

ABSTRACT: In this article death was reflect on, not as a source of sadness na anguish, but as na awakening of consciousness to realize the meaning of life. The question that permeates all this work is: can a person, in the face of inevitable death? Their own and that of the people they love, realize experiential and atitudinal values and thus awaken the meaning life? Thus, in the light of Logotherapy, under the understanding of Viktor Emil Frankl, and based on the

life experience reports of Chiara Corbella and Enrico and Gilson, it is discovered that yes, it is possible to Discover and make meaning and not Only this, in the face of inevitable death, life invites us to live a life with responsibility and intensity, as a story well lived will be eternalized.

KEY WORDS: death; awakening; meaning; life; logotherapy

1 INTRODUÇÃO

A temática da morte é uma realidade desafiadora que acompanha o homem desde os tempos mais antigos, e que, ainda hoje, o faz se confrontar com ela em seu existir. Embora seja inerente e constituinte da vida humana, a morte se apresenta como fonte de tristeza, angústia e desesperança para muitas pessoas. Mesmo que seja algo presente em toda vida humana, nem sempre é bem vivenciada. Mas pode esta realidade ontológica se tornar um despertar para a vida? É possível ter diante da morte um despertar de sentido? A resposta a essa questão, segundo Frankl, é que em alguns aspectos, a morte pode despertar a consciência para a realização de sentido de vida. Como descreve Frankl (1996, p.27), “[...] a transitoriedade da existência não pode tirar o sentido da vida, porque nada está irrecuperavelmente perdido no passado, mas tudo está colocado a salvo por lá”.

Partindo da visão de homem proposta pela Logoterapia, observa-se que a transitoriedade da vida é uma realidade, que a morte faz parte do desenvolvimento humano e que por meio dela é possível, sim, descobrir e realizar sentido; que pela liberdade da vontade é possível tomar uma atitude frente a inevitável realidade do morrer.

O objetivo desse estudo é demonstrar que a morte pode possibilitar ao homem se posicionar diante da transitoriedade da vida e encontrar o sentido da vida.

A finalidade do artigo é a ciência básica - a pesquisa básica tem como objetivo gerar conhecimento que seja útil para a ciência, sem

necessariamente haver uma aplicação prática ou para obtenção de lucro. Através de relatos de pessoas que passaram pela experiência da morte e reflexões à luz da Logoterapia, pretende-se expandir os conhecimentos sobre a pessoa humana. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ressaltando o caráter subjetivo dos pesquisadores, por meio de narrativas, ideias, experiências individuais, e impressões. Buscando a motivação dos fenômenos, desejos e significados, exemplificados com a história de Chiara e Enrico; e com o relato da experiência do Gilson. No que se refere à metodologia, o estudo será realizado através de uma pesquisa bibliográfica e relato da experiência de um dos autores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 MORTE E SUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES (DIMENSÃO FILOSÓFICA, DIMENSÃO RELIGIOSA, DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA - FRANKL)

2.1.1 DIMENSÃO FILOSÓFICA

De acordo com Battista Mondin (2021, p. 308), o estudo da morte é particularmente difícil e por várias razões: primeiro, porque a morte faz parte do problema da vida, que é já em si mesmo um problema muito árduo; segundo, porque dela se deve falar sem tê-la experimentado, já que quem experimentou não pode mais falar dela; e terceiro, pela quantidade de respostas contrastantes e contraditórias que já existem a respeito. Dessa forma, o medo e a insegurança assolam os homens, justamente por ser um lado desconhecido da existência ou da não existência. Mondin (2021, p. 324) afirma que “por causa das características precedentes, a morte parece assustadora. Ela suscita horror, aversão, angústia no homem”. Contudo, o pensamento filosófico nos leva também a refletir sobre uma parte importante do homem: a alma. Por isso, de acordo com o filósofo italiano, “a imortalidade da alma é exigência da autotranscendência. Um ser que supera todos os limites espaço-tempo, claramente está ancorado na eternidade” (Mondin, 2021, p. 325).

O ato de refletir sobre a morte pode ser visto como uma das maneiras mais singulares de praticar a Filosofia, definida por Sócrates (470 a.C. - 399 a.C.) como preparação para a morte. Segundo ele, “ninguém sabe o que

é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males. A ignorância mais condenável não é essa de supor saber o que não sabe?” (Sócrates, 1980, p. 61). Agir com destempero, com dramaticidade, com revolta em relação à morte é, na concepção socrática, não agir com sabedoria; é não agir guiado pela razão, pelo conhecimento, pela crítica. Se a morte for passagem para um lugar bom, então por que ficar triste quando alguém morre?

A conexão que existe entre a filosofia e a morte aparece em destaque nos diálogos platônicos. Para Platão (1987), a realidade do homem se constitui por seu espírito - visão platônica ou espiritualista - que neste mundo se encontra prisioneiro do corpo, como um cavalo ao seu cavaleiro. A morte, portanto, representa a liberação do Espírito. Já o pensador alemão Arthur Schopenhauer (2000, p. 14) considera a morte como “musa da Filosofia”. Ou seja, filosofar é aprender a morrer. Alguns filósofos, como o grego Epicuro (2002), ensinam a não temer a morte. A lógica é simples: quando a morte se faz presente, o ser humano já não é, assim não há motivo para temê-la. Ele vê a morte como um processo natural que não pode ser evitado - um conjunto de átomos em movimento que se separam para posteriormente formarem novos seres. Outros filósofos provocam reflexão. Martin Heidegger (2005, p. 18), entende que o ser humano é um “ser para a morte”. Michel de Montaigne (1972, p. 51) considera que “meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade”. A morte não faz parte da vida, posto que decreta o seu fim. Mesmo assim, provoca reflexões e comportamentos que interferem na nossa maneira de viver.

Para São Tomás de Aquino, a morte não estava originalmente destinada ao homem por Deus, embora fosse natural a corrupção do corpo, patente na realidade humana. Se Adão continuasse na graça seu corpo não se corromperia, em razão da força da graça no espírito. Mas deixado por si só, sem a graça e no pecado, o corpo de Adão naturalmente se corrompeu. Portanto, por causa do pecado, derivou a necessidade da morte do corpo, segundo a exigência da natureza. A natureza humana foi subtraída da justiça original, pela qual o homem era imortal, por causa do pecado dos primeiros pais, pois as suas operações feriram a alma e introduziram a desordem em suas faculdades, pelo que se introduziu também a desordem no corpo, do que se seguiu a pena: a morte. A morte é a pena consequente da culpa do pecado original, derivada da subtração da graça original (Tomás de Aquino, STh. I, q. 97, a. 1.; a. 5)

2.2 DIMENSÃO RELIGIOSA

Destino inevitável do homem, a finitude de sua existência também é amplamente abordada pela teologia e religião. Assim como tudo termina, também nós somos peregrinos neste mundo. (Bento XVI, 2008). Afirmo Bento XVI (2006), “a morte priva-nos de tudo aquilo que é terreno”, é o momento em que o homem é chamado do tempo presente para a eternidade.

O termo da vida torna todos os homens semelhantes. Diz Santo Afonso de Ligório (2022, p. 50), não se sabe se uma criança irá tornar-se rica ou pobre, se terá boa ou má saúde ou, se irá morrer jovem ou idosa, porém é certo que irá morrer. “É certo, pois, que todos estamos condenados à morte.”

Na perspectiva da morte se está diante de um paradoxo: não se deseja morrer, também não se almeja uma vida infundável. De fato, a imortalidade, afirma Santo Ambrósio (378 apud Bento XVI, 2007, p. 22), “seria mais penosa que benéfica, se não fosse promovida pela graça.”

Na realidade, deseja-se a vida verdadeira, a vida que não é tocada pela morte. Esta realidade para a qual a pessoa humana é atraída, é a vida eterna. Ao mesmo tempo em que se é impelido por esta verdade, ela também causa temor:

Com efeito, ‘eterno’ suscita em nós a ideia do interminável, e isto nos amedronta; ‘vida’, nos faz pensar na existência por nós conhecida, que amamos e não queremos perder, mas que frequentemente nos reserva mais canseiras que satisfações, de tal maneira que, se por um lado a desejamos, por outro não a queremos. (Bento XVI, 2007, p. 23)

A saída para este enigma, diz Bento XVI, é não ser escravo da temporalidade; entender que a eternidade não é “uma sucessão contínua de dias do calendário”, mas o instante “onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade.” (Bento XVI, 2007, p. 23)

Por vezes considerada maldição, a morte deve ser vista pelo cristão através da fé. Cristo por sua Morte e Ressurreição abre as portas da vida eterna ao homem. “Então a morte abre-se à vida, àquela eterna, que não é uma cópia infinita do tempo presente, mas algo completamente novo.” (Bento XVI, 2012) Somente Aquele que é o Senhor da Vida, pode indicar este caminho para além da finitude terrena. (Bento XVI, 2007)

Diante da inevitabilidade de seu destino, afirma João Paulo II (1998), o homem busca encontrar o sentido de sua vida. Deseja conhecer sobre sua finitude. Saber se a morte será, de fato, o fim de sua existência ou se pode ter a esperança de uma vida subsequente.

Refletir sobre a finitude da vida, recorda o santo polonês, pode ser um convite a procurar o verdadeiro sentido da existência. (JOÃO PAULO II, 1998) Conforme ressalta Bento XVI (2008), este caráter efêmero da vida, é um chamado para que não se detenha a “viver de modo medíocre”, mas se apresse para a “plenitude da vida.”

2.3 DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA - FRANKL

Após discutir o conceito de morte e sua interpretação numa visão filosófica e religiosa, a reflexão será iluminada pela Análise Existencial Frankliana, de forma mais concreta ainda, por sua antropologia.

Viktor Frankl afirma que o homem é aquele que decide o que se é (Frankl, 2021), ou seja, há na realidade antropológica da pessoa humana o que ele denomina Liberdade da Vontade que é justamente a capacidade incondicional de se posicionar (Frankl, 2022). Ainda afirma que a pessoa humana é formada por uma unidade na multiplicidade, ou seja, ela é uma realidade bio-psico-espiritual (Frankl, 2022). E é justamente na realidade espiritual que se pode contemplar o especificamente humano, que nunca adoece ou morre.

Partindo destes pressupostos antropológicos, Frankl (2019, p. 144) afirma que o homem é “alguém a quem a vida interroga, alguém que a esta tem de responder, sendo responsável, assim, por sua vida.” E este homem em suas dimensões bio-psíquica está diante da realidade de sua finitude e de sua temporalidade. Ele - o homem, não é, em sua realidade psicossomática imortal e eterno. E é justamente, “tendo em vista a morte como fronteira infranqueável do nosso futuro e limite das nossas possibilidades, vemos-nos obrigados a aproveitar o tempo de vida de que dispomos.” (Frankl, 2019, p. 145). Aqui está a Liberdade da Vontade, a qual permite-se decidir o que se fará da vida e que resposta se pode dar em relação à ela naquilo que acontece.

A morte é parte integrante da vida e de certo modo é diante dela que se escolhe, pois a vida é justamente as possibilidades que se tornaram ato, logo, se tornaram eternas.

Referente a isso, afirma Frankl:

Na morte, tudo se torna imóvel, nada está disponível; ao homem nada mais está à sua disposição, nenhum corpo e nenhuma mente à disposição: é a perda total do seu “eu psicofísico”. O que permanece é somente o “eu” espiritual. O homem não possui, assim, mais nenhum “eu” depois da morte: ele não “possui”, afinal, mais nada; agora ele simplesmente “é”: é precisamente o seu eu. (Frankl, 2022, p. 56)

A dimensão espiritual da pessoa humana não é passível de deterioração, não adoece, portanto, não morre. É justamente o que permite à pessoa, continuar sendo, mesmo que não haja mais a manifestação psicofísica. Portanto, a vida se eterniza a partir

da vida que se atualiza. Aqui encontra-se o sentido da morte, seja o confronto com a própria morte e daí a pergunta a ser respondida: “o quê e quem se eternizará?”, tendo justamente na resposta a soma das escolhas e decisões feitas na vida, este será o “ser eterno”, ou seja, o que se fez com a Liberdade da Vontade. Ainda encontra-se sentido na morte daqueles que se ama, pois, frente a finitude de suas realidades psicossomáticas, pode-se continuar contemplando sua realidade espiritual, pois esta permanece, e diz justamente da vida que foi vivida e como foi vivida.

Afirma Frankl (2022, p. 56): “embora na morte o homem não tenha mais vida, ele é vida. E que essa seja a vida essencial, que a partir de agora “é”, isso não pode mais nos perturbar; sabemos, pois, que “ter sido” é a forma mais segura de ser.”

Sendo assim, Frankl apresenta a morte como algo integrante da vida, conforme observa-se na Tese do Otimismo Trágico, que se dá pela Tríade Trágica Positiva (dor, culpa e morte). A morte surge como possibilidade de sentido da vida pois é um convite a se viver uma vida com responsabilidade e intensidade, de modo que a história bem vivida se eternize.

2.4 HISTÓRIA DE CHIARA E ENRICO

No dia 9 de janeiro de 1984 na Itália, nascia Chiara, aos 18 anos em uma peregrinação conheceu Enrico, que se tornou seu namorado por seis anos, e em seguida casaram-se. O casal queria muito ter filhos, e quando surgiu a primeira gravidez de Maria Grazia Letizia, nos exames do pré-natal apontaram que seria uma criança com anencefalia, e mesmo os médicos indicando o aborto, eles

decidiram permanecer até o fim, a criança nasceu e viveu por apenas meia hora.” (Troisi; Paccini, 2017)

Chiara e Enrico permaneceram firmes e confiantes durante a gravidez do segundo filho, Davide Giovanni, acreditando sempre que o sofrimento era purificador e redentor. Mas, foi constatado no ventre que Davide tinha má formação e nasceria sem pernas, em 2010 ele nasceu e também viveu por algumas horas. (Troisi; Paccini, 2017)

Na gravidez do terceiro filho, não foi identificado nenhum apontamento que colocaria em risco a vida da criança. Contudo, Chiara descobriu um câncer na língua. “E, em março de 2011, Chiara fez uma cirurgia para retirar o tumor, os médicos indicaram o tratamento do câncer, mas isso colocaria em risco a vida do bebê, seu amado Francesco.” (Troisi; Paccini, 2017)

Enquanto todos aconselhavam Chiara a iniciar o tratamento imediato, ela sem hesitar optava pela vida que estava sendo gerada em seu ventre, mesmo que isso consistia em sacrificar a sua própria vida, como dizia Enrico “sem Deus, tudo se reduz a um acaso”, mas com Deus é possível ver o sofrimento como um convite a dançar e “se começa a dançar, percebes que o sofrimento está ali, mas também existe muita alegria, muita paz”. (Troisi; Paccini, 2017, p. 66).

No livro *Psicoterapia e Sentido da vida* compreende-se que:

Tendo em vista a morte como fronteira infranqueável do nosso futuro e limite das nossas possibilidades, vemo-nos obrigados a aproveitar o tempo de vida de que dispomos e a não deixar passar em vão as

ocasiões irrepetíveis que se nos oferecem, ocasiões essas cuja soma 'finita' representa precisamente a vida toda. (Frankl, 2003, p. 109)

Viktor Frankl ainda conta o seguinte fato no livro *Um sentido para a vida sobre uma senhora que tinha um câncer terminal*:

O que conta na vida é realizar algo significativo. E é exatamente isso que a senhora fez. A senhora fez de seu sofrimento o melhor. A senhora começou a ser um exemplo para nossos pacientes pelo modo como assumiu seus sofrimentos. [...] Isso diz respeito à sua vida, com a qual realizou algo muito grande. A senhora pode orgulhar-se disso. E poucas pessoas podem orgulhar-se de suas vidas... Eu diria que sua vida é um monumento. E ninguém pode removê-la do mundo.” (Frankl, 2015, p. 113)

No dia 13 de junho de 2012, aos 28 anos, faleceu Chiara deixando um exemplo de fé inabalável, um legado indiscutível que alcançou muitos corações.

Nunca poderíamos avaliar a plenitude de sentido duma vida humana com base na sua duração. Afinal, também não avaliamos uma biografia pela sua “extensão”, pelo número de páginas, mas sim pela riqueza do seu conteúdo. Decerto que a vida heroica de um homem que morra na juventude tem mais conteúdo e sentido do que a de um burguês qualquer que viveu muito. Quantas sinfonias incompletas não há entre as mais belas! (Frankl, 2003, p.111)

Chiara em meio a cada tensão fecunda no ordinário do seu presente gastou-se buscando eternizar cada ato com amor. Quanto a isto, Frankl explica:

O presente é a fronteira entre a não-realidade do futuro e a realidade eterna do passado. Justamente por isso é a “linha demarcatória da eternidade”; em outras palavras, a eternidade é finita: estende-se só até o presente, o momento presente em que

escolhemos o que desejamos admitir na eternidade. A fronteira da eternidade é onde a cada momento de nossas vidas é tomada a decisão sobre o que queremos eternizar ou não”. (FRANKL, 2015, p. 115)

Existem dois livros sobre ela em português: “Nascemos e jamais morreremos”, porque há algo na pessoa humana que é eterno, e “Pequenos Passos Possíveis”. Chiara viveu intensamente amando, como ela mesmo disse “o amor te consome, mas é bonito morrer consumido exatamente como uma vela que se apaga quando atingiu seu objetivo. [...] O amor não se detém às portas da morte”. (Troisi; Paccini, 2017, p. 171).

Como para Viktor Frankl (2003, p. 149) “mesmo que se apague, não se pode dizer que uma tocha não teve sentido no seu resplendor, enquanto iluminou”.

Chiara mantinha sempre a sua perspectiva de eternidade, reconhecendo que sua vida não tinha apenas um fim nesta terra, mas que havia algo além, tanto que mesmo ao deparar-se com a morte, com a possibilidade de morte dos seus filhos, ela sempre teve abertura à vida, a dilatação do seu coração ao amor, e ao eterno.

Por outro lado, todavia, tudo é eterno. Mais que isso: faz-se eterno. Não podemos evitá-lo. Se tivermos iniciado qualquer coisa, a eternidade se apossa dela. Mas temos de assumir a responsabilidade por aquilo que tivermos preferido realizar: aquilo que tivermos escolhido para começar a ser parte do passado, que tivermos selecionado para ser eterno! Tudo é escrito no arquivo eterno - nossa vida toda, todas as nossas criações e ações, encontros e experiências, todos os nossos amores e sofrimentos. Tudo isso está contido e permanece no arquivo eterno. (Frankl, 2015, p. 114).

Todos morrerão, mas como você quer ser lembrado? Qual o legado que ficará? Chiara deixou em sua carta destinada ao seu filho: “Sabemos que você é especial e que possui uma grande missão, o Senhor quis você desde sempre e lhe mostrará o caminho a seguir se você lhe abrir o coração. Confie, vale a pena!” (Troisi; Paccini, 2017, p. 172).

“Muitos seguiram o perfume desses dois esposos [Chiara e Enrico] que reconhecem no sofrimento a sua dança, que sorriem ao enfrentar as mais duras provações e descobrem uma felicidade à qual, na realidade, todos somos chamados.” (Troisi; Paccini, 2017, p. 18 e 19).

Ao fim, é bom que o homem viva o otimismo trágico da vida, percebendo-se diante da morte, e nas folhas arrancadas do seu calendário diariamente. Lembrando-se sempre das histórias que eterniza, examinando em todo tempo a sua consciência e preparando-se para morrer, e assim bem viver os dias que lhe restam.

3 RELATO DA EXPERIÊNCIA DO GILSON

Em 2010, Gilson e Ana se casaram e viveram a fé católica. Mesmo em meios às dificuldades, ela era uma mulher firme, corajosa, amorosa, caridosa, firme no serviço à Igreja, participava do coral de música da comunidade e do grupo de oração. (informação verbal)

Tiveram três filhos, a primeira filha, Gianna Sophia, uma homenagem a Santa Gianna que também entregou a própria vida para salvar a da filha no parto. Em 2016, tivemos, Gian Pedro. (informação verbal)

Em 2021, veio a gestação do terceiro filho, José Guilherme. No 3º mês de gestação do seu último filho, ela descobriu o câncer, e teve a orientação médica de interromper a gestação para realizar o tratamento da doença. Foi então que optaram por manter a vida do bebê segura, mesmo que custasse a própria vida de Ana.

Segundo Frankl (2019, p. 144), “ao tentar responder à questão do sentido da vida - a mais humana de todas as questões -, o homem é remetido para si mesmo, tornando-se alguém a quem a vida interroga, alguém que a esta tem de responder, sendo responsável, assim, por sua vida.”

Em seus últimos meses de vida, em Barretos-SP, no Hospital do Amor, tratando de um câncer de pulmão, estavam confiantes na divina providência, mas ela foi diagnosticada com metástase na cabeça. Ainda grávida de 5 meses, Ana passou por uma cirurgia para retirada de um tumor que segundo os médi-

cos era como uma “bomba relógio na cabeça”. Vivenciaram o impossível, o milagre de Deus que salvou a sua vida e a do bebê em meio a tanto sofrimento.

Sempre que se realiza valores, está se cumprindo o sentido da existência, impregnando-a de sentido. Os valores podem ser realizados de três modos distintos: criando algo no mundo, por exemplo; experimentando algo, como seja, abrindo-nos para o mundo, para a beleza e a verdade da vida; finalmente, sofrendo, sofrendo a existência, o destino. (Frankl, 2019).

Gilson sempre viu a esposa colocar em primeiro lugar a vida da criança, ela não aceitou a proposta de realização da cirurgia sem as condições de estrutura necessárias para salvar o bebê. Em todos os momentos que passou por grandes desafios, pode constatar uma constante reafirmação que “onde há vida, há esperança.” (informação verbal)

Nesse sentido, Frankl (2021) afirma que a última liberdade humana é a capacidade de escolher a atitude pessoal que se assume em determinadas circunstâncias.

Após a cirurgia, os médicos sabendo da decisão de levar a gravidez adiante mesmo com os riscos, propuseram um tratamento brando de quimioterapia em 4 sessões (informação verbal), neste momento pude experimentar que é possível a realização do sentido da vida, pois segundo Frankl (2021), quando se está diante de situações de morte, sofrimento e dor o que importa é o objetivo da vida em sua totalidade que inclui também a morte e assim atribui sentido à “vida”, mas também ao sofrimento e a morte, esse era o sentido pela qual estavam lutando!

De fato, Gilson viu que ela cumpriu com a convocação da própria vida de doar-se até o fim, mesmo diante da possibilidade da morte. A vida é sofrimento e sobreviver é encontrar sentido na dor. Se há de algum modo um propósito na vida, deve haver também na dor e na morte (Frankl, 2021).

No dia 22 de fevereiro de 2022, José Guilherme nasceu. E no dia da mulher, 8 de março, Ana faleceu, deixando uma história e testemunho de coragem, fé e esperança, ela sempre dizia “onde há vida, há esperança! E o que adianta ser cristão e não ter fé?”. (informação verbal)

Para viver em meio a essa situação e compreender o sofrimento que foi dado ao Gilson, ele precisou compreender a missão de sua esposa que partiu de forma heroica, mesmo sendo muito jovem. (informação verbal)

Conforme aponta Frankl (2021), não se pode avaliar a plenitude de sentido de uma vida humana com base na sua duração. Em contato com a teoria de Viktor Frankl, Gilson percebeu que a angústia e o medo fazem parte da existência humana, ainda mais em situações confrontadas com a morte. Visto que a angústia existencial encontra-se sempre presente nas mais diversas manifestações do ser humano. E assim, descobriu que o seu destino lhe reservou um sofrimento como uma tarefa única e original e ninguém poderia assumir o seu destino e sofrimento, realização única e singular.

Nessa perspectiva, destaca-se as últimas palavras de Ana Cristina que marcaram e dão sentido a continuidade da vida para Gilson:

Em tudo, quem dá força é Deus, todo processo, porque se formos imaginar toda a situação que estou, meus filhos, meu bebê me dão muita força. Não tenho dúvida que Deus tem feito em minha vida, de todas as providências e cuidado. Sempre pensei que não é porque somos cristãos, que servimos a Deus que não passaremos pelo sofrimento. Feliz daquele que pode testemunhar e engrandecer o nome de Jesus. Pois, o que eu quero é engrandecer, glorificar somente Jesus. Que não seja eu, mas que todos vejam a glória de Deus através da minha vida. Meu filho é um testemunho vivo e eu um instrumento, agraciada por Deus. Diante de todas essas situações difíceis, é Deus que nos dá força para prosseguir. (informação verbal)

Uma história de força e coragem, de quem doou a própria vida para salvar o filho, despertando muitos corações para a vida, principalmente o do seu marido Gilson e dos seus três filhos que perpetuam o legado deixado por ela: o de viver bem a própria vida até o último suspiro, valorizando-a.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista das concepções sobre a morte apresentados no presente artigo, sobretudo na antropologia Frankliana, ratificados pela História de Enrico e Chiara e o relato da experiência de Gilson, pode-se ver a atuação da Liberdade da Vontade, conclui-se que o homem pode, diante da morte, realizar valores vivenciais e de atitude e, assim, encontrar o sentido da vida.

Não se pretende encerrar aqui a discussão e nem minimizar o sofrimento vivido diante da experiência da morte de alguém querido. Entretanto, no entendimento de Frankl, a morte e o sofrimento vividos de maneira consciente e responsável podem desvelar o sentido da vida. Ao tomar uma atitude frente a morte a pessoa, de forma livre, passa a agir de modo responsável e autotranscendente, tocando assim na essência de sua existência.

Por tudo que foi exposto, Frankl apresenta a morte como integrante da vida, está no que ele chama tese do otimismo trágico, que se dá pela tríade trágica positiva (dor, culpa e morte). A morte surge como possibilidade de sentido da vida, pois é um convite a se viver uma vida com responsabilidade e intensidade, a história bem vivida fica eternizada.

A morte como um despertar para a vida, uma reflexão concreta de uma profunda percepção sobre como se vive o momento presente, bem como a disposição de oferta e sentido da própria vida.

A partir das Histórias apresentadas, percebe-se de modo real e concreto que a morte traz a possibilidade de despertar do sentido

da vida, e que este é despertado a partir da atitude que se toma diante do morrer.

O fato até mesmo de um dos autores deste artigo ser integrante do caso real citado é um exemplo concreto da potencialidade do ser humano de fazer da morte um impulso para a vida. E assim, Gilson, durante a escrita deste artigo, mesmo tocando na dor da ausência da sua esposa, entendeu que o maior legado seria tornar a vida dela registrada, testemunhando aquela que doou-se pelos filhos até seu último suspiro.

Como diz Frankl (2019, p. 231), “o sentido da vida que é a própria vida”, a palavra “vida” é usada duas vezes, e em cada uma delas, com uma acepção distinta, primeiramente por “vida” a vida factual como nos é dada; e na segunda, a vida facultativa, como missão a cumprir. Desse modo, mesmo enfrentando a morte, o ser humano é despertado para a vida como sua missão mais fecunda de existência.

Tendo em vista o ser humano em sua existência e essência, ele se depara em todo tempo com o seu ser e o dever-ser, e assim, mediante a sua irrepetibilidade e unicidade, ele se percebe com a sua potência que só cabe a ele “de” ser ele mesmo.

Em suma, o ser humano tem valor atitudinal, a capacidade de, mediante uma situação imutável, de um sofrimento inevitável, de uma dor, seja qual for a circunstância, o ser humano sempre tem a capacidade de posicionar-se com dignidade e construir-se, até mesmo mediante a morte como percorrido ao longo deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, T. de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2004-2005.

BENTO XVI. **Capela Papal em sufrágio dos cardeais e bispos falecidos durante o ano**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012. Disponível em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121103_suffragio.html. Acesso em: 2 mar. 2023.

BENTO XVI. **Homilia do Papa Bento XVI na Concelebração Eucarística em sufrágio dos cardeais e bispos falecidos no último ano**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006. Disponível em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20061104_defunti-2006.html. Acesso em: 2 mar. 2023.

BENTO XVI. **Santa Missa em sufrágio dos cardeais e bispos falecidos durante o último ano**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20081103_suffragio.html. Acesso em: 2 mar. 2023.

BENTO XVI. **Spe salvi**: sobre a Esperança Cristã. São Paulo: Paulus. São Paulo: Loyola, 2007.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Unesp, 2002.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: conferências escolhidas sobre Logoterapia.** Tradução Pablo Pinheiro da Costa. 1. ed. Campinas: Auster, 2022.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Tradução Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 53. ed. São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes, 2021.

FRANKL, V. E. **O que não está escrito nos meus livros: memórias.** Tradução Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 1996.

FRANKL, V. E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia.** Tradução Renato Bittencourt, Karleno Bocarro. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida.** 5. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial.** Tradução Alípio Maia de Castro. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 2019.

FRANKL, V. E. **Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo.** São Paulo: Ed. Ideias & Letras, 2015.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo. Parte II.** Tradução de Márcia de Sá Schuback. 13ª Edição. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista. Ed. Univ. São Francisco, 2005.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides et Ratio.** Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 2 mar. 2023.

LIGÓRIO, A. M. de. **Preparação para a morte: considerações sobre as verdades eternas.** Tradução Celso Cunha e Nicholas Phillip. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2022.

MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 18ª ed. São Paulo: Paulus, 1980.

MONTAIGNE, M. **Os Ensaios.** Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates.** In: Sócrates: seleção de textos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 17-42.

PLATÃO. **Fédon.** In: Platão: seleção de Textos. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 66-67.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do Amor, Metafísica da Morte.** Tradução de Jair Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TROISI, S.; PACCINI, C. **Nascemos e Jamais morreremos: a história de Chiara Corbella Petrillo.** São Paulo: Cultor de Livros, 2017.